

ESTRESSE PERCEBIDO EM AMOSTRA DE MULHERES PROFISSIONAIS DA LINHA DE FRENTE NA PANDEMIA DE COVID-19

GABRIELA RODRIGUES SILVEIRA¹; LUÍSA PALMERO LORENZON²;
THOR BARCELLOS MELONI³; MARIANA TELLES BUENO⁴; GUILHERME
MARTINS PINHEIRO⁵; HELEN BEDINOTO DURGANTE⁶

¹ Universidade Federal de Pelotas – gabrielarsilveira2@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas - luisaplorenzon@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – thormeloni.tb@gmail.com

⁴ Universidade Federal de Pelotas – marianabueno01@hotmail.com

⁵ Universidade Federal de Pelotas - guimp99@gmail.com

⁶ Universidade Federal de Pelotas - helen.durgante@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Frente à pandemia do coronavírus (COVID-19) iniciada em 2019, medidas como o isolamento físico foram impostas a fim de tentar controlar a contaminação em diversos países, incluindo o Brasil. Essas providências, entretanto, tiveram consequências emocionais negativas na população, provocando e intensificando sintomas de estresse crônico e, repercutindo na saúde (MARQUES *et al.*, 2020). A incidência dessas manifestações, porém, difere de acordo com o grupo estudado: segundo estudo de Vegt e Kleinberg (2020), o gênero dos indivíduos influencia o tipo e a intensidade das emoções sentidas acerca da pandemia; gênero, ainda, ultrapassa a biologia como destino e se estabelece por meio da construção cultural (BUTLER, 2003). Além disso, a linha de frente no combate à COVID-19 foi majoritariamente feminina, para quem os efeitos estressores da pandemia foram intensificados não somente devido à agravada exigência física e mental na esfera pública, mas também pela demanda como cuidadoras e responsáveis pelas tarefas domésticas na esfera privada (VIEIRA *et al.*, 2020). Assim, compreende-se que os impactos da pandemia foram mais intensos de acordo com diversos marcadores sociais.

Em termos de saúde pública, é necessário analisar as consequências desses impactos na qualidade de vida dos brasileiros, a fim de propor políticas eficazes para promover maior bem-estar à população - levando em consideração que sistemas públicos de saúde não são estáticos e devem se adaptar às necessidades gerais (DEMARZO, 2012). Ainda segundo o autor, as obrigações de sistemas de saúde vão além da assistência por meio de procedimentos clínico-cirúrgicos e devem englobar também atenção à saúde - uma série de ações intersetoriais que visam promover e garantir qualidade de vida à comunidade levando em consideração suas individualidades. Por esse viés, faz-se necessário implementar nos programas de saúde pública, práticas complementares com foco tanto na prevenção quanto na promoção de saúde, uma vez que enquanto o primeiro visa a proteção da população contra doenças específicas (ex.: campanhas de vacinação), o segundo visa mudanças gerais nas condições de vida e de trabalho dos indivíduos, a fim de facilitar o acesso a escolhas mais saudáveis que os beneficiariam a longo prazo (DEMARZO, 2012).

Dessa maneira, tendo em vista possíveis diferenças em relação a indicadores de estresse percebido, cujos reflexos colocam algumas pessoas, notadamente autodeclaradas mulheres, em maior vulnerabilidade, torna-se prudente averiguar se isso se agravou nacionalmente devido à crise sanitária global desencadeada em 2019. Assim, o objetivo deste trabalho é avaliar

indicadores de estresse percebido em uma amostra de mulheres das áreas da saúde, educação, assistência durante a pandemia de Covid-19 no Brasil.

2. METODOLOGIA

Delineamento: O presente trabalho, como recorte de uma pesquisa maior, avalia de modo transversal dados coletados em 2020-2022, durante a pandemia de Covid-19 no Brasil.

Participantes: 210 profissionais de saúde/educação/assistência, 82,9% autodeclaradas mulheres, do sexo feminino (93,1% delas cisgênero, 2,2% travesti/não binário, 4,6% não souberam dizer sobre sua identidade de gênero); masculino[masc]=17,1% (94,4% cisgênero, 2,8% travesti/não binário 2,8% não souberam dizer). Idades de 18 a 87 anos ($M=40,83$, $DP=16,51$; masc=19-75 anos, $M=38,67$, $DP=16,9$). 86,8% autodeclararam heterossexualidade (masc=72,2%), 8,6% homossexualidade (masc=25%), 4% bissexualidade e 0,6% pansexualidade (masc=2,8%). 8% delas tinham até ensino médio (masc=5,6%), 36,2% ensino superior incompleto (masc=41,7%), 23% ensino superior completo (masc=25%), 40,8% pós-graduações (masc=33,3%). 63,8% delas trabalhavam (masc=69,4%), média de tempo de serviço 14,85 anos ($DP=12,83$; masc=14,83; $DP=16,04$). 48,3% eram casadas, moravam com alguém ou estavam em união estável (masc=47,2%), 35,6% eram cuidadoras (masc=33,3%), 52,3% não tinham filhos (masc=63,9%), 13,8% moravam só (masc=22,2%). 92,5% afirmaram contar com rede de apoio, (masc=91,4%). 71,8% possuíam crença/religião (masc=52,8%), e 90,8% com atividades de lazer (masc=100%).

Instrumentos: Questionários de dados sociodemográficos; Escala de Estresse Percebido-10 itens (LUFT *et al.*, 2007).

Procedimentos e Considerações Éticas: A pesquisa foi divulgada em redes sociais; os interessados preencheram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido os instrumentos. Conteúdos e materiais foram veiculados por meio de Whatsapp, e-mail e/ou Google Docs. A pesquisa cumpriu critérios sanitários e de ética de pesquisas com seres humanos (CEP n.1.899.368; 4.143.219).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Testes-t para amostras independentes indicaram maior escore de estresse percebido ($t(208)=2,543$, $p=0,012$) das mulheres ($M=19,74$; $DP=6,26$) em relação ao homens ($M=16,78$; $DP=6,85$). Num contexto pré-pandêmico, diferentes estudos já apontavam maior nível de estresse percebido em mulheres do que em homens, inclusive durante diferentes faixas etárias. Porém, é importante interpretar esses dados com cautela, uma vez que isso, por si só, pode não demonstrar que as mulheres são mais estressadas, mas que podem estar mais dispostas do que os homens a relatarem o estresse por diversos fatores socialmente construídos (CALAIS *et al.*, 2003). Um estudo inglês que buscou compreender os impactos da crise da COVID-19 em homens e mulheres, relatou também evidências significativas de maior estresse em mulheres. Por meio de auto relatos, o estudo analisou como o gênero afetou experiências e sentimentos vividos durante a pandemia, concluindo que, ao passo que homens se preocupavam mais com a instabilidade econômica e seus impactos futuros, as mulheres estavam mais preocupadas com o bem-estar e saúde dos entes queridos - muitos dos quais elas se sentiam responsáveis por - e os impactos da enfermidade naquele momento (VEGT; KLEINBERG, 2020).

É importante notar que as normas patriarcais vigentes que impõem exigências específicas aos diferentes gêneros, atreladas às medidas de isolamento que restringiram as interações sociais e ao contexto pandêmico evidenciaram as relações domésticas que se estabelecem. O cuidado e as tarefas domésticas são considerados compulsórios historicamente às mulheres. Bell Hooks (2020) evidencia que enquanto os problemas do trabalho fora do ambiente habitacional são divididos coletivamente, as mulheres se deparam nas tarefas domésticas com adversidades ininterruptas e individuais. Por isso, o lar acaba sendo um local onde elas ficam à serviço dos outros e não um ambiente de descanso e lazer. No presente estudo, apesar de ser uma amostra relativamente pequena, quase 10% das mulheres relataram não ter atividades de lazer, ao passo que todos os homens tinham. O cenário acaba se agravando com o isolamento e outras consequências da pandemia, uma vez que, não somente o trabalho doméstico e cuidado de familiares aumentam com mais pessoas passando mais tempo em casa, como também as mulheres representam número maior na força de trabalho na saúde (VIEIRA *et al.*, 2020).

Tendo em vista essa perspectiva e, a partir do viés de análise adotado neste resumo, torna-se imprescindível a abordagem do conceito de interseccionalidade, que diz respeito às diferentes e confluentes formas de opressão vivenciadas por determinados indivíduos, o que os coloca em maior vulnerabilidade (CRENSHAW, 2012). Akotirene (2018) elucida que os indivíduos não sofrem cada opressão de maneira isolada, mas passam por uma sobreposição de aparatos coloniais modernos - um entrecruzamento entre violências de gênero, raça, classe, orientação sexual, entre outros, pondo alguns indivíduos em maior vulnerabilidade em relação aos demais. A pandemia deflagrou - para além do acesso a bens primários e saúde -, aspectos estressores que impactaram o psicológico coletivo. Contudo, tendo em vista as estruturas patriarcais e capitalistas, as repercussões dessas adversidades são divergentes em relação aos sujeitos, determinando esse contraste maior entre privilégios e vulnerabilidades (AKOTIRENE, 2018). Apesar da restrição amostral do presente trabalho não possibilitar análise profundada dos recortes de sexo versus identidade de gênero, raça, classe, orientação sexual, por exemplo, (sendo esses temas potenciais para futuro artigo científico), a disparidade de níveis de estresse encontrado na amostra, entre mulheres e homens, vai de acordo com a literatura científica e perspectivas feministas de terceira onda (BUTLER, 2003; CRENSHAW, 2012; HOOKS, 2020).

Ainda, outro fator que influencia diferença entre homens e mulheres e pode ter contribuído para esse escore é o agravamento da violência doméstica neste período, pois, o isolamento físico aumentou o contato diário com o agressor e, a sobrecarga de trabalho, que atinge diretamente as mulheres e faz com que elas estejam mais suscetíveis às violências (MARQUES, *et al.*, 2020; MENEGHEL, 2017). Assim, o isolamento também potencializou fatores já preocupantes em relação à violência doméstica e de gênero, exacerbando problemas e estressores sobre as mulheres (VIEIRA *et al.*, 2020).

4. CONCLUSÕES

Conclui-se que, além de maior nível de estresse percebido em mulheres ir de acordo com a bibliografia pré-pandêmica, é importante notar que diferentes autores apontam aumento na polarização das responsabilidades e expectativas de acordo com gênero devido à crise sanitária vivida desde 2019. A relevância do

presente estudo dá-se não somente por se tratar de uma análise de um público nacional de profissionais de linha de frente - cuja bibliografia é escassa - mas também como mais uma sinalização do agravamento das violências de gênero por consequência dos desafios vividos na pandemia. Por mais que o isolamento físico não esteja mais em vigência, essas consequências ainda são notadas. A fim de promover saúde, esses impactos não podem ser ignorados e devem ser mitigados por meio da instauração de práticas eficazes que levem em consideração a particularidade das experiências vividas e quem são os que mais precisam de apoio.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2018.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CALAIS, S. L., *et al.* Diferenças de Sexo e Escolaridade na Manifestação de Stress em Adultos Jovens. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 257-263, 2003.

CRENSHAW, K. A interseccionalidade da discriminação de raça e gênero. **Cruzamento: raça e gênero**. UNIFEM, 2012.

DEMARZO, C., *et al.* **Reorganização Dos Sistemas de Saúde: Promoção Da Saúde E Atenção Primária à Saúde**. Reorganização Dos Sistemas de Saúde: Promoção Da Saúde E Atenção Primária à Saúde, vol. 1, 2012,

HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo**. 14. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

LUFT, C. B., *et al.* Versão brasileira da Escala de Estresse Percebido: tradução e validação para idosos. **Revista de Saúde Pública**, v. 41, n. 4, p. 606-615, 2007.

MARQUES, E. S., *et al.* A Violência Contra Mulheres, Crianças E Adolescentes Em Tempos de Pandemia Pela COVID-19: Panorama, Motivações E Formas de Enfrentamento. **Cadernos de Saúde Pública**, vol. 36, no. 4, 2020.

MENEGHEL, S. N. Feminicídios: conceitos, tipos e cenários. **Ciência & Saúde Coletiva**, vol. 22, no. 9, 2017.

VEGT, I.; KLEINBERG, B. Women worry about family, men about the economy: Gender differences in emotional responses to COVID-19. **Social Informatics: Proceedings 12th International Conference on Social Informatics**, SocInfo, vol. 12467, p. 397-409, 2020

VIEIRA, P.; GARCIA, L. P.; MACIEL, E. L. Isolamento social e o aumento da violência doméstica: o que isso nos revela? **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 23, 2020.